



A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA OS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA):

Uma reflexão teórica

THE IMPORTANCE OF GEOGRAPHY TEACHING FOR STUDENTS IN YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA): A THEORETICAL REFLECTION

Jefferson Silva de Souza – UFRR – Boa Vista – Roraima – Brasil

Jeffersongeo1991@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a importância do ensino de geografia para os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), propondo uma reflexão sobre a prática pedagógica dos professores de geografia, a atuação no ambiente escolar, a realidade dos discentes frente ao ato do ensino em sala de aula, os recursos metodológicos que são utilizados pelos docentes para despertar o interesse dos alunos pela disciplina de geografia, entre outras questões. A metodologia desenvolveu-se por meio de pesquisa de cunho bibliográfico, com abordagem qualitativa, através de estudos em documentos oficiais, sites e revistas, bem como em referenciais teóricos de autores que abordam o tema em questão. Assim, esse estudo revelou diversos fatores que ocorrem no contexto escolar, como por exemplo, os aspectos que podem levar os discentes da Educação de Jovens e Adultos ao interesse pelo estudo da disciplina, e as dificuldades encontradas tanto pelos professores quanto pelos alunos em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, destaca-se ainda a importância de uma prática de ensino de geografia que proporcione aos estudantes dessa modalidade, uma educação não somente em busca da escolarização, mas também para o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Educação; EJA; Ensino de Geografia; Aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of teaching geography to students of Youth and Adult Education (EJA), proposing a reflection on the pedagogical practice of teachers of geography, the performance in the school environment, the reality of students facing the act of teaching in the classroom, the methodological resources that are used by teachers to arouse students' interest in the discipline of geography, among other issues. The methodology was developed by means of bibliographic research, with a qualitative approach, through studies in official documents, websites and magazines, as well as in theoretical references of authors who approach the subject in question. Thus, this study revealed several factors that occur in the school context, for example, the aspects that may lead students of Youth and Adult Education to be interested in studying the discipline and the difficulties encountered by both teachers and students in relation to the process teaching and learning. In this context, the importance of a geography teaching practice that provides students in this modality with, an education not only in search of schooling, but also for the exercise of citizenship.

Keywords: Education; EJA; Geography Teaching; Learning.

INTRODUÇÃO

A educação, um direito fundamental do ser humano, está previsto na Constituição Federal (1988), mais especificamente em seus artigos 205 e 214, onde são explicitadas uma série de dispositivos. Assim, além desta previsão constitucional, ainda é possível afirmar que no Brasil há o Estatuto da Criança e Adolescente (Lei n. 8.069/90), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) e o Plano Nacional de Educação (Lei n. 10.172/2001), que também são dispositivos importantes, e que reafirmam a educação como um direito fundamental de todo cidadão brasileiro.

Sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), esta, em seu artigo 37, assegura o direito à Educação de Jovens e Adultos, onde a mesma será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidades de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Neste, sentido, os problemas de ensino e aprendizagem vivenciados atualmente na educação brasileira, principalmente na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos, têm sido um grande desafio para os educadores brasileiros, pois a mesma mostra-se bastante complexa, já que envolve aspectos que vão além do viés educacional. Nesta perspectiva, Di Pierro (2014) destaca que os estudantes da EJA das camadas populares não acorrem com mais frequência às aulas, porque a busca dos meios de subsistência absorve todo seu tempo, portanto, o estilo de vida não se harmoniza com a frequência contínua da escola.

Por sua vez, Batista (2009) reforça que os alunos da Educação de Jovens e Adultos, na condição de sujeitos trabalhadores, não tiveram a oportunidade de concluir os estudos na escola básica, no tempo formativo referente à idade de conclusão no Ensino Médio, pois esses sujeitos tiveram que assumir atividades de trabalho muito cedo. Neste sentido, também vivenciaram experiências de fracasso escolar em momentos de investida nos processos de apropriação da leitura e da escrita, em idades correspondentes à infância e adolescência.

Assim, desenvolver um ensino de geografia que atenda às necessidades dos alunos da EJA, torna-se um desafio frente às dificuldades que se apresentam nas salas

de aula, onde alunos buscam recuperar o tempo perdido e os professores tentam ministrar um ensino que não apenas os escolarize, mas desenvolva nos mesmos as habilidades necessárias para o exercício da cidadania.

A busca por novas práticas de ensino permeia constantemente a ação educativa dos professores, sempre preocupados com a qualidade das relações que se estabelecem em sala de aula com os alunos. A escola também desempenha um papel fundamental na vida e formação do aluno, sendo um lugar de encontro de várias culturas e saberes refletidos na sociedade, e dentro deste contexto, o ensino de geografia abrange eixos importantes na formação de um cidadão que possa contribuir com a sociedade.

Aprender de maneira significativa exige a intenção de quem ensina, transformando a informação em conhecimento, e assim contribuindo para a ampliação da consciência crítica do aluno, confrontando os seus saberes com aqueles adquiridos diante da formação de novos conceitos, sendo este o papel do professor de geografia, através de uma postura crítico-construtiva na formação e desenvolvimento do aluno.

Portanto, o objetivo principal desse artigo científico é discutir a importância do ensino de geografia para os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, tem-se os seguintes objetivos específicos: I) Apresentar a contextualização histórica, política e social da Educação de Jovens e Adultos no Brasil; II) Compreender a prática pedagógica do professor de geografia frente à Educação de Jovens e Adultos; III) Entender a realidade e o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos frente ao ensino de geografia; IV) Refletir sobre os recursos metodológicos que são utilizados pelos docentes, para despertar o interesse dos alunos da Educação de Jovens e Adultos pela disciplina de geografia.

Sobre os procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Neste sentido Gil (2006) aponta que esse tipo de pesquisa propicia ao investigador constatar e avaliar as relações entre as variáveis, na medida em que elas se manifestam espontaneamente nos fatos já existentes. Sendo assim, utilizou-se como base bibliográfica, os seguintes documentos: livros, revistas, teses, dissertações, anais de eventos científicos, entre outros referenciais teóricos de autores que abordam o tema em questão.

UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL

As mudanças sociais ocorridas no Brasil que tiveram início no período colonial com as missões jesuítas, refletiram na transformação da educação brasileira, modificando-a de acordo com os aspectos econômicos e políticos do país. Brasil (2002) relata um breve histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, que tem suas origens nos tempos coloniais, onde os missionários religiosos realizavam ações educativas junto aos adultos. Neste viés, ocorreu também a implementação de algumas práticas educativas no período imperial, porém estas ações pouco contribuíram, já que a concepção de cidadania se restringia apenas para aqueles que faziam parte das elites econômicas.

Com a constituição de 1934, que instituiu nacionalmente a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário para todos, e, com o espaço geográfico brasileiro sendo produzido através de mudanças políticas e econômicas na década de 1940, a Educação de Jovens e Adultos ganhou impulso como uma política nacional, e assim, foi montado um sistema de educação voltado diretamente para esta modalidade de ensino. Em 1942 foi criado Fundo Nacional de Ensino Primário que almejava ampliar a educação primária, de modo a incluir o ensino supletivo para adolescentes e adultos. Conforme Viera (2004, p. 20) “o fundo tinha como objetivo aumentar a base eleitoral (o analfabeto não tinha direito o voto) e elevar a produtividade da população”.

Ainda por força da constituição de 1934, em âmbito nacional foram implementados:

1. O Serviço de Educação de Adultos (SEA, de 1947), cuja finalidade era orientar e coordenar os planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos;
2. A criação de campanhas como a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA, de 1947), que teve grande importância como fornecedora de infra-estrutura aos estados e municípios para atender à educação de jovens e adultos;
3. A Campanha Nacional de Educação Rural (1952);
4. A Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958. As duas últimas, de curta duração, tiveram poucas realizações (BRASI, 2002, p. 14).

Dessa forma, abre-se um novo prisma na educação brasileira, com perspectiva para um sistema onde a educação seja ofertada para todos de forma coletiva, sem

restrições ao conhecimento, mesmo com objetivos políticos conflituosos. Vale ressaltar que, antes a Educação de Jovens e Adultos era ofertada apenas para o ensino primário, e, só a partir de 1960, é que foi estendida ao curso ginasial.

Para Brasil (2002) o educador Paulo Freire teve um papel fundamental no desenvolvimento da EJA no Brasil, ao destacar a importância da participação do povo na vida pública nacional e o papel da educação para sua conscientização, implicando a renovação de métodos e procedimentos educativos, com trabalhos que levavam em conta a realidade. Assim, em 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação pela proposta de Paulo Freire.

No entanto, a revolução na educação sofre um prejuízo com o regime militar, devido à repressão sofrida por parte dos motivadores do processo. Nesse contexto, Machado e Mattos (2014, p.3) afirmam que “com o regime militar, todos os movimentos de alfabetização que se vinculavam à ideia de fortalecimento de uma cultura popular foram reprimidos”.

Porém, diante desse contexto, ressalta-se que a Educação de Jovens e Adultos não ficou desassistida, já que o Estado não abandonou sistema educacional, pois conforme Rangel (2011) em 15 de dezembro de 1967, de acordo com a Lei n. 5.379, criou-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) para ampliar o processo de alfabetização para jovens e adultos. Logo após, em 1971, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal n. 5.692/71), que regulamentou o ensino supletivo.

Chegando na década de 1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal n. 9.394/96), reservou uma seção dedicada à educação de jovens e adultos (Seção V, nos artigos 37 e 38), onde reafirmou o direito de jovens e adultos a um ensino básico adequado às suas condições, e o dever do poder público de oferecê-lo gratuitamente, na forma de cursos e exames supletivos. A lei ainda alterou a idade mínima para realização de exames supletivos para 15 anos, no Ensino Fundamental, e 18 anos, no Ensino Médio, além de incluir a educação de jovens e adultos no sistema de ensino regular. (BRASIL, 1996).

Portanto, nota-se que o sistema educacional brasileiro foi sendo moldado de acordo com as intenções políticas que sempre o permeiou ao longo da história, onde em diversos momentos, as políticas educacionais implementadas estavam amarradas a visões pessoais de grupos elitistas que tinham intenções particulares sobre a forma como a educação brasileira seria conduzida.

Porém, reforça-se que as políticas públicas voltadas para a melhoria do Sistema educacional brasileiro não devem estar atreladas a interesses particulares, e nem de dentro uma visão meramente simplista, que somente enxerga a escolarização do indivíduo para que este logo depois seja inserido no mercado de trabalho, mas que também preze pela formação de um cidadão em sua plenitude e consciente de seu papel na sociedade.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Em tempos passados a educação de jovens e adultos se resumia a um ensino que tinha como principal objetivo ensinar o aluno adulto a ler e escrever, no entanto, sabe-se que essa modalidade de ensino vai muito além da alfabetização de adultos. Assim, a mesma passou por um processo de maturação ao longo da história, que teve início com a colonização do Brasil, e que com o passar dos anos, as iniciativas governamentais foram consolidando e fortalecendo ainda mais esta modalidade de ensino.

O processo de ensino e aprendizagem de jovens e adultos requer a utilização de metodologias diferenciadas, pois a pessoa que não é alfabetizada, muitas vezes é insegura na forma de expor seus pensamentos, retrai-se quanto ao processo de reconhecimento imediato do que está aprendendo e, ao mesmo tempo, demora a compreender a realidade em sua volta, deixando-a de certa forma, excluída da sociedade.

Para sentir-se incluído como um cidadão letrado, os jovens e adultos procuram a escola em busca de conhecimento, para assim transformar a sua realidade. A escola deve oferecer a esses alunos um ensino motivador que o levará ao êxito social, e a uma visão de mundo sem preconceitos e de autoestima valorizada. Neste viés, Zeni (2018, p. 34) afirma que:

Para atuar como educador na modalidade educativa EJA, é necessário estar preparado para responder aos anseios dos educandos. Estar atento às necessidades de cada sujeito, considerar suas experiências e saber escutar. Neste escutar o outro, é possível que se manifestem informações interessantes por parte do educando que possibilitam ser exploradas. É importante trabalhar conteúdos e estratégias adequadas à idade do educando, sem esquecer suas vivências, satisfazendo suas necessidades e assim contribuindo para a busca do conhecimento e do crescimento pessoal. Ao educador, este saber escutar o educando, interpretar e assimilar o que quer dizer pode ser um processo de entender uma informação e transformá-la em conhecimento.

Sendo assim, a construção do saber é uma tarefa que exige não somente conhecimento teórico por parte do professor, mas também o despertar do interesse dos alunos pelo ensino oferecido. Se a metodologia do professor em sala de aula for motivadora, certamente abrirá caminho para uma aprendizagem eficaz e significativa. Segundo Vygotsky (1994, p. 108):

A mente humana não é uma rede complexa de capacidades gerais como observação, atenção, memória, julgamento, etc.; mas um conjunto de capacidades específicas, cada uma das quais, de alguma forma, independe das outras e se desenvolve independentemente. O aprendizado é mais do que aquisição de capacidade para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera a capacidade global de focalizar a atenção, ao invés disso, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas.

Desta maneira, as práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem a serem implementadas aos alunos da EJA, dentro da disciplina de geografia, deve ser através de metodologias eficientes que despertem nos mesmos o desejo de permanecer na escola. Para esse tipo de modalidade, o ensino deve estar voltado para as questões sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, e que os levem a construir seu conhecimento de forma agradável, por meio de pesquisa de campo, pesquisa tecnológica, produção textual, entrevistas, gráficos, entre outros. Nessa perspectiva, o ensino de geografia possibilitará a esses alunos a construção de um conhecimento mais abrangente, de maneira que também se leve em consideração a sua própria realidade.

A educação de Jovens e Adultos representa uma possibilidade que contribui para efetivar um caminho e o desenvolvimento pessoal em si, onde a idade não deve ser vista como uma barreira que impeça de passar pelo processo de aprendizagem. De acordo com Solé e Coll (2002, p. 19):

A concepção construtivista da aprendizagem e do ensino parte do fato do óbvio de que a escola torna acessíveis aos seus alunos aspectos da cultura que são fundamentais para seu desenvolvimento pessoal, e não só no âmbito cognitivo; a educação é motor para o desenvolvimento, considerando globalmente, e isso também supõe incluir as capacidades de equilíbrio pessoal, e não só, de inserção social, de relação interpessoal e motora. Ela também parte de um consenso já bastante arraigado em relação ao caráter ativo da aprendizagem, o que leva a aceitar que esta é fruto de uma construção pessoal, mas na qual não interfere apenas o sujeito que aprende, os “outros” significativos, os agentes culturais, são peças imprescindíveis para essa construção pessoal.

Dar ao educando o significado daquilo que se pretende ensinar, é oferecer a ele atividades interessantes e desafiadoras que partam de sua experiência cotidiana ou que lhe possibilitem fazer relações com o seu dia a dia. Essas atividades devem favorecer momentos de trabalhos individuais e coletivos, para que o aluno possa construir seu conhecimento, apropriar-se dele e tornar-se um indivíduo autônomo, capaz de aprender sempre.

Planejar esse processo requer o domínio sobre a disciplina trabalhada e, partindo dessas especificidades, é importante aplicar metodologias com estratégias envolventes que levem o alunado a refletir sobre o seu papel como cidadão do/no mundo. Nesse sentido, cabe ao professor mediar esse conhecimento de forma eficaz. Assim, Cavalcanti (1998, p. 129) diz que:

A geografia na escola deve estar voltada para o estudo de conhecimento cotidiano (Os estudos de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio). [...], pois são conceitos que fazem parte da vida cotidiana das pessoas e em geral elas possuem representações sobre tais conceitos. O lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido.

A partir dessa concepção, percebe-se que no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA, a ciência geográfica deve estar voltada para fatores que abarquem os conhecimentos do cotidiano dos alunos, pois assim, a construção do conhecimento geográfico ocorrerá de forma mais abrangente. Segundo Patto (1993, p. 124-125):

Valendo-se da constatação de que a subjetividade (no sentido da individualidade, da pessoa, do sujeito) foi banida do pensamento materialista histórico, Heller a resgata e a coloca no centro do processo histórico, entendido como expressão do homem em busca de sua humanização. Uma de suas principais contribuições ao marxismo contemporâneo é, portanto, a colocação da temática do indivíduo no centro das reflexões. E o indivíduo a

que se refere não é um indivíduo abstrato ou excepcional, mas sim o indivíduo da vida cotidiana, isto é, o indivíduo voltado para as atividades necessárias à sua sobrevivência. Parte de seus escritos é dedicada à definição do conceito de "vida cotidiana em geral", isto é, à caracterização de vida ordinária, independente do modo de produção vigente.

Nesse sentido, a geografia contribui de forma significativa para a construção do pensamento reflexivo, onde o indivíduo busca construir-se a si mesmo através das relações com sua vida cotidiana. Sendo assim, o conhecimento produzido através das metodologias oferecidas na escola, não deve ser proporcionado aleatoriamente, pois precisa capacitar o aluno para a vida em sociedade, estimulando-o a desenvolver uma consciência global sobre questões emergentes da sociedade contemporânea, em especial os temas geográficos.

O PERFIL DO ALUNO DA EJA E O PAPEL DO PROFESSOR

O perfil do aluno da Educação de Jovens e Adultos é diversificado, por se tratar de pessoas que não percorreram o caminho escolar considerado adequado para os padrões escolares. Estes, ao retornarem à escola, engajam-se no ensino com um ritmo de vida diferente e com responsabilidade econômica, pois muitos já estão inseridos no mercado de trabalho. Para Silva (2010, p.19) “a necessidade que reconheçam as diferenças existentes entre uma criança e um adulto, não pode fazer com que o ensino se processe dentro das duas modalidades de ensino, de forma única”, cabendo ao educador planejar uma aula que atenda as especificidades do perfil destes alunos.

O processo de aprendizagem do aluno da EJA tem todo um caráter especial, necessitando que o professor reveja sua importância como motivador de transformação na vida dos estudantes, sendo esta uma posição social que interfere na autoestima, especialmente porque muitos destes encaram a escola com uma nova chance para mudar ou melhorar sua qualidade de vida. Conforme Gadotti e Romão (2003, p. 32) “a educação de adultos está condicionada as possibilidade de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador”.

A educação é uma ferramenta para aquele que almeja alcançar qualidade de vida, pois ela possibilita ao aluno um reconhecimento sobre o mundo, e assim redefinir o seu lugar no espaço, com fonte segura e uma visão planejada do futuro profissional.

Para Alves e Cardoso (2010, p.146) “a geografia tem muito a contribuir na apreciação dessas relações, analisando, contextualizando e esclarecendo-as de modo que facilite a leitura e a percepção socioespacial”.

Em decorrência do elevado índice de evasão escolar na EJA, é preciso que o educador se recrie, reciclando sua aula com leveza e criatividade para transmitir o objetivo dos conteúdos sem causar exaustão ao aluno. Um dos fatores influentes da evasão escolar, está no uso de materiais inadequados para a faixa etária e horários de aula que não respeitam a rotina do público em questão.

A escola tem um valor imprescindível com possibilidade de ascensão social. Neste viés, a Educação de Jovens e Adultos apresenta grande importância no sistema educacional, pois permite a inserção daqueles que por algum motivo deixaram de frequentar a escola e aumenta a permanência do aluno na escola ao oferecer educação para todos.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EJA

Por muito tempo o ensino de geografia que se ensinava na escola esteve pautado, essencialmente, na descrição dos aspectos naturais do planeta, transmitindo aos alunos um conjunto de informações a serem apenas memorizadas. Dessa forma, os educandos tinham dificuldade em perceber qual era a importância do estudo dessa disciplina em seu dia a dia. Afinal, ficava sempre a pergunta: porque “decorar” o nome de tantos rios ou saber o nome das capitais dos países e dos estados brasileiros? Conforme Castellar e Vilhena (2012, p. 6):

Espera-se, em uma prática de ensino mais dinâmica, que o aluno possa não só dar significado, mas compreender o que está sendo ensinado. Optando por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, espera-se que ele estude a partir de situações do cotidiano e relacione o conhecimento aprendido para analisar a realidade, que pode ser a local ou global.

Com essa intenção é que os professores de geografia devem focar os seus objetivos na formação dos seus discentes, que devem referenciar os atos e acontecimentos do seu contexto, com os aprendidos e discutidos em sala de aula. Nas últimas décadas, o ensino de geografia tem passado por renovações que levam a

valorização de alguns conceitos e conteúdos estudados, assim como a incorporação de propostas e abordagens inovadoras.

A maior parte dessas mudanças ocorreram pela inserção de orientações pedagógicas contemporâneas no ensino da geografia. Pode-se citar, por exemplo, o ensino de procedimentos e habilidades, a ênfase no desenvolvimento de atitudes, a busca pela interdisciplinaridade e pela transversalidade, os métodos de avaliação variados e progressivos e o uso mais consciente dos resultados dessas avaliações.

Essas transformações contribuíram para a reflexão sobre a prática pedagógica e o ensino de geografia, que busca, agora, tornar-se mais significativo para os alunos que, dessa forma, poderão se apropriar desse conhecimento, tornando-o realmente útil ao seu cotidiano, como enfatiza os Parâmetros Curriculares Nacionais de história e geografia:

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais esse campo de conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico (BRASIL, 1997, p.22).

Também é possível identificar a existência de três razões fundamentais para se ensinar geografia na escola, que de acordo com Callai (2001, p. 57) são:

[...] Primeiro: para conhecer o mundo e obter informações, que há muito tempo é o motivo principal para estudar Geografia. Segundo: podemos acrescentar que a Geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem. [Ao estudar certos tipos de organização, do espaço, procura-se compreender as causas que deram origem] as formas resultantes das relações entre sociedade e natureza. Para entendê-las faz-se necessário compreender como os homens se relacionam entre si. Terceira razão: não é o conteúdo em si, mas num objetivo maior que dá conta de tudo o mais, qual seja a formação do cidadão. Instrumentalizar o aluno fornecer-lhes condições para que seja realmente construída a sua cidadania é objetivo da escola, mas a Geografia cabe um papel significativo nesse processo, pelos temas, pelos assuntos que trata.

Nesse sentido o ensino de Geografia deve proporcionar aos alunos um estudo significativo da ciência geográfica. Para tanto, o papel do professor deverá ser o de mediador no processo ensino e aprendizagem, valorizando os conhecimentos prévios

dos alunos, privilegiando atividades que estimulem a socialização e a participação ativa do educando, na construção do conhecimento geográfico. Desse modo, o educando reconhecerá a presença da geografia em seu dia a dia e perceberá que de maneira ela pode auxiliá-lo em sua vivência, facilitando a compreensão do mundo em que vive.

Além disso, o ensino de geografia levará o aluno a construir sua cidadania de forma consciente e crítica, sendo capaz de compreender, entre outros aspectos, as relações existentes entre os seres humanos na construção do espaço geográfico, sentindo-se atuante e integrante desse processo.

Assim, os educandos poderão compreender que eles e as pessoas com quem convivem são sujeitos que “fazem e refazem o mundo”. Como afirma Kaercher (2001, p. 55) “essa é uma ideia de fundamental importância para a geografia, pois esta ciência trata do espaço, e este é carregado de intencionalidade”. Portanto, as estratégias propostas pelo professor em sala de aula, ao ensinar Geografia, devem levar o aluno a fazer relação entre o senso comum e o saber científico de forma mais eficaz possível.

Uma reflexão sobre o ensino de geografia, traz questões referentes à geografia que se quer ensinar, e como levar o aluno a construir o conhecimento geográfico necessário para sua vida em sociedade. Sabe-se que, como já foi citado em momentos anteriores, os pressupostos teóricos dessa disciplina mudaram no decorrer da história, e que para também ocorrer essa mesma mudança na prática pedagógica do professor, não é algo que se sucederá de um dia para outro. Para que isso aconteça de forma significativa, será necessário muito estudo e reflexão, além de análises e autoavaliação de seus procedimentos e instrumentos de ensino e prática avaliativa.

É notório que não se deve resumir o ensino de geografia somente no repasse de informações, pois a escola deve estar comprometida com a formação integral dos alunos. Se antes a ênfase da educação estava no ensinar, agora está centrada no aprender. De acordo com Moraes (1997, p. 25) a visão da educação deve ser:

Construtivista porque compreende o conhecimento como estando sempre em processo de construção, transformando-se mediante a ação do indivíduo no mundo, da ação do sujeito sobre o objeto, de sua transformação em sujeito ativo em processo de permanente construção. [...] Interacionista porque reconhecem que o sujeito e objetos são organismos vivos, ativos, abertos, em constante intercâmbio com o meio ambiente, como estruturas dissipadoras de energia, mediante processos interativos indissociáveis e modificadores

das relações sujeito-objeto e sujeito-sujeito, a partir dos quais um modifica o outro e os sujeitos se modificam entre si. Sociocultural porque compreende que o “ser” faz na relação, que o conhecimento é produzido na interação com o mundo físico e social com base no contato do indivíduo com a sua realidade, com os outros, incluindo aqui a dimensão social, dialógica inerente a própria construção do pensamento. [...] Transcendente porque significa a tentativa de ir mais além de ultrapassar-se, superar-se, entrar em comunhão com a totalidade indivisível, compreender-se como parte integrante do universo, onde todas as coisas se tocam entre si. [...].

Dessa forma, o saber geográfico deve propiciar ao aluno a ampliação de suas habilidades e capacidades, com a participação ativa de procedimentos metodológicos, como a representação e a expressão dos fenômenos socioespaciais, a construção e a interpretação de informações e o uso de recursos diversificados, por meio dos quais possam registrar seu pensamento e seus conhecimentos geográficos, além de estar continuamente adquirindo conhecimento e aprendendo habilidades necessárias para a vida. Portanto, aprender significa ter a possibilidade de utilizar os conhecimentos construídos em outros contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a Educação de Jovens e Adultos, ficou evidente que a mesma se faz notável no Brasil desde o período colonial. Porém, ao longo desse percurso histórico, é inegável que foi somente a partir da década de 1930 que a mesma de fato começou a ganhar destaque no cenário educacional brasileiro, com a constituição de 1934 que estabeleceu como dever do Estado a oferta gratuita do ensino primário, entre outros dispositivos legais.

Neste sentido, destaca-se que a consolidação da Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino ao longo dos séculos foi de suma importância, pois permitiu a inclusão social no contexto educacional, de jovens e adultos que não concluíram seus estudos dentro da faixa de idade adequada. E, permitindo ainda que estes vislumbrem melhores perspectivas para a sua vida futura.

Neste sentido, o ensino de geografia é dinâmico por se tratar de uma ciência que abrange diversos aspectos que permeiam a nossa sociedade. Dessa forma, concebe-se que a mesma abre caminhos para que os discentes compreendam a realidade em sua

volta, utilizando-se de métodos de análise e investigação, sendo estes fatores primordiais para a formação de um cidadão participativo. Destaca-se ainda que o verdadeiro compromisso do ensino de geografia deve estar na construção de conhecimentos mais abrangentes, e que leve os educandos ao despertar de sua verdadeira cidadania, onde estes sejam capazes de entender o seu papel na sociedade.

Em relação ao ensino de geografia na educação de jovens e adultos (EJA), percebe-se que esta é de suma importância, já que a disciplina, sem dúvidas, pode proporcionar a esse público um deleite de informações diferentes, por abordar questões políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais, por intermédio de metodologias que não se restrinjam apenas em levar os discentes a decorar ou memorizar conteúdos programados.

No que diz respeito ao perfil dos alunos dessa modalidade de ensino, ficou evidente que trata-se de uma clientela diferenciada, pois são discentes que trazem consigo uma bagagem de vida, carregada de muitas experiências e vivências. Reforça-se ainda que trata-se de um público, que em sua grande maioria, já está inserido no mercado de trabalho, e o ato de estudar torna-se um grande desafio, principalmente no que se refere ao fator motivacional, já que é necessário conciliar o trabalho com a vida escolar.

Assim, é inquestionável que o tempo longe da escola pode acarretar em várias dificuldades por parte dos alunos da EJA, mas o docente deve ter a capacidade de reconhecer o seu papel, como sendo o grande agente diferencial desta modalidade de ensino, principalmente observando critérios no processo de ensino e aprendizagem, e criando meios para manter o estímulo permanente nos educandos. Nesse contexto, a prática pedagógica do professor frente ao ensino da EJA é de suma importância para que professor reconheça as especificidades dessa modalidade de ensino, pois por se tratar de um público diferenciado, estes precisam de uma atenção especial e de encorajamento por parte do docente. Ficou evidente ainda que é necessário valorizar o conhecimento que esses educandos trazem para a escola, de forma que o professor crie um ambiente favorável ao diálogo.

Portanto, o conhecimento empírico adquirido pelo aluno é construído no decorrer de suas relações cotidianas, e este deve ser considerado no processo de ensino e aprendizagem de geografia. A sensibilidade para trabalhar é fundamental na profissão do docente, de forma que correlacione o conteúdo programado com o meio social ao qual seus alunos estão inseridos, e criando caminhos para que estes se identifiquem como seres atuantes na sociedade.

É pertinente frisar também, a importância da utilização de ferramentas dinâmicas que venham a ser motivadoras e estimulantes para o aprendizado dos alunos da EJA na disciplina de geografia, de maneira que os mesmos compreendam sua função social no espaço geográfico e no tempo. Portanto, é relevante o uso de metodologias motivadoras que estejam de acordo com a realidade desse público. Assim, fica evidente a relevância de uma prática docente organizada e planejada, de maneira que facilite a aprendizagem dos alunos, valorize seu conhecimento prévio e que favoreça a sua permanência no ambiente escolar.

O êxito da prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos, passa pela utilização de metodologias de ensino que proporcionem a permanência dos discentes dessa modalidade de ensino na escola, por intermédio de uma aprendizagem significativa e prazerosa. Por fim, no que se refere à formação docente voltada para a EJA, este é um fator decisivo e extremamente importante, pois neste processo é preciso levar em consideração as especificidades desse segmento, exigindo do profissional não somente o conhecimento necessário, mas também a competência para atuar. Neste sentido, não se pode esquecer a realidade dos discentes com os quais esses profissionais irão lidar, pois em sua imensa maioria, são indivíduos que tentam conciliar o trabalho com a vida escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. S.; CARDOSO, E. S. **O ensino de geografia e os estudantes-trabalhadores da Eja**: trabalho e espaço em sala de aula. Revista Pegada Eletrônica, Presidente Prudente, v. 11, n. 1, p. 141-154, junho, 2010. Disponível em: <<http://www.fct.unesp.br/ceget/pegada111/07edu1101.pdf>> Acesso em: 20 set. 2020.

BATISTA, M. D. M. B. **Do cansaço da lavoura ao alívio na Escola: Um estudo sobre cotidiano e espaços de sociabilidade de estudantes da EJA do noturno, ensino médio, no município de Irará-Bahia.** 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: < http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/marize_damiana_moura_batista_e_batista.pdf> Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96).** Brasília: Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia.** Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (Lei n. 10.172/2001).** Brasília: Diário Oficial da União, 2001.

BRASIL. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos.** Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente:** disposições constitucionais pertinentes: lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. 6. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005.

BRASIL. **Constituição Federal (1988).** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CALLAI, H. C. O. Ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; et.al. (Orgs.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** 3 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de geografia.** 1 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas: Papirus, 1998.

DI PIERRO, M. C. **Os desafios para garantir a Educação de Jovens e Adultos.** Revista Gestão Escolar, São Paulo, v. 6, n. 31, maio. 2014. Disponível em: < <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/114/os-desafios-para-garantir-a-educacao-de-jovens-e-adultos>> Acesso em: 20 set. 2020.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de geografia**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

MACHADO, V. C.; MATTOS, M. **Ensino de geografia na educação de jovens e adultos**. Florianópolis: NEPEGeo, UFSC, 2014.

MORAIS, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

PATTO, M. H. S. **O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação**. *Perspectivas*, São Paulo, n. 16, p. 119-141, 1993. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/MH/o_conceito_de_cotidianidade.pdf> Acesso em: 18 ago. 2020.

RANGEL, E. A. **Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil: problema estrutural para o desenvolvimento nacional**. 2011. 46f. Monografia (Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia) - Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra, Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/2808433-Jovens-e-adultos-trabalhadores-poucoescolarizados-no-brasil.html>> Acesso em: 10 set. 2020.

SILVA, J. S. **O ensino de geografia na EJA: adequabilidade dos conteúdos à vivência dos alunos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

SOLÉ, I.; COLL, C. Os Professores e a Concepção construtivista. In: COLL, C. et al. **O construtivismo na sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.

VIEIRA, M. C. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil**. vol. 1. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZENI, J. M. **Educação de Jovens e Adultos: Repercussão do processo educacional para o empoderamento do sujeito do campo**. 2018. 120f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado, 2018. Disponível em:<<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2363/1/2018JonaldaMariaZeni.pdf>>. Acesso em: 20 set 2020.

Jefferson Silva de Souza - Possui Graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual de Roraima - UERR (2015). Especialização em Metodologia do Ensino de História e Geografia pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2016), e Mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia -PPG-GEO da Universidade Federal de Roraima - UFRR (2017). Atualmente é Professor Efetivo do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal de Roraima.

Recebido para publicação em 01 de janeiro de 2021.

Aceito para publicação em 26 de abril de 2021.

Publicado em 28 de abril de 2021.